ALFREDO CAMPOS.

LUZ E SOMBRAS

POESIAS

Com um juizo critico do illm.° sr. dr. Pereira Caldas.

BRAGA:
Typ. de A. B. da Silva,
Rua Nova n.° 53.
1867.

LUZ E SOMBRAS.

ALFREDO CAMPOS.

LUZ E SOMBRAS:

POESIAS

Com um juizo critico do illm.º snr. Dr. Pereira Caldas

BRAGA:
1867.

A SEUS PAES

em testimunho d'amor e respeito

O. D. C.

O

Auctor.

BOSQUEJO CRITICO

DAS

POESIAS:

Pelo Professor de Mathematica do Lyceu Bracarense Pereira-Caldas.

Nas poesias colligidas n'este volume, expandem-se as crenças e as esperanças d'um poeta juvenil.

Moldadas em fórmas desartificiosas, dão-nos em toda a candidez os sentimentos do auctor.

Para moldar em verso os arrôbos da imaginação, não procurou filiar-se o poeta em nenhuma das nossas escholas de poesia.

Temos tido a eschola dos trovadores, a eschola italiana, a eschola hispanhola, a eschola latina, e a eschola franceza, conforme o estylo predominante em cada uma d'ellas, no sentir do nosso critico lisbonense Costa e Silva, no seu *Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes*, começado a publicar em 1850.

«A primeira d'estas escholas, que póde chamar-se gallega, ou dos trovadores, pela similhança que as obras, que lhe pertencem, tem com as trovas para a musica, que n'aquella epocha se usavam na Gallisa, onde se fallou a mesma lingua que em Portugal—começa com a monarchia, e acaba em Bernardim Ribeiro».

«A segunda eschola, a que podêmos chamar italiana, porque os auctores que a ella per-

tencem, adoptaram os metros italianos, e o colorido e genio da sua poesia — principia no reinado d'el-rei D. João 3.°, e termina no reinado d'el-rei D. Henrique».

«A terceira, que deve denominar-se eschola hispanhola, porque n'essa epocha prevaleceu entre os nossos poetas a imitação de Góngora, e a reforma do estylo poetico que elle introduzíra em Castella, e que os seus discipulos levaram ainda mais longe do que elle — abrange os reinados dos tres Filippes, D. João 4.°, D. Affonso 6.°, D. Pedro 2.°, e acaba no reinado de D. João 5.°».

«A eschola latina, ou da Arcadia, nasceu no reinado d'el-rei D. José : abrange o reinado d'este monarcha e de sua augusta filha, a senhora D. Maria 1.ª, e termina no reinado do senhor D. João 6.°, com o grande lyrico Francisco Manuel do Nascimento».

«A eschola franceza, contemporanea d'esta, teve por apostolos, no reinado d'el-rei D. João 5.°, ao conde da Ericeira e Francisco de Pina e Mello : veio a florescer no reinado da senhora D. Maria 1.ª, e terminou no reinado do senhor D. João 6.°».

«Linguagem barbara, irregular, innintelligivel ás vezes ; rudez de pensamentos; algumas vezes energia ou graça; nenhum conhecimento d'arte, versificação dura — formam o caracter da eschola dos trovadores».

«Linguagem pictoresca e formosa, cheia de phrases energicas, mas descahindo a miudo no trivial e no prosaismo ; ideas platonicas ; imitações do estylo classico dos gregos e romanos ; mais juizo que imaginação, e metros adopta-

dos da Italia — distinguem das outras a eschola italiana».

«Muito engenho, originalidade, agudeza demasiada de pensamentos; estylo metaphysico, profusão de tropos, expressões hyperbolicas, clausulas affectadamente symetricas; allusões a usos populares; progresso sensivel na perfeição do metro, que nos escriptores d'esta eschola é mais corrente, mais variado e harmonioso — formam, ao que me parece, o caracter da eschola hispanhola».

«A eschola latina, ou arcadica, recommenda-se pela linguagem quinhentista, pela formação de novos vocabulos e compostos; pelo arrôjo das ideas philosophicas, e viveza e profusão das imagens; a erudição e a imaginação regulada pela rasão, e a constante imitação da natureza; pela poesia descriptiva, e uma versificação variada e musical».

«Linguagem moderna, mas pura; pouca erudição, pouca imaginação e menos invenção ainda; elegancia continua, estylo claro e simples, e optima versificação — eisaqui as prendas mais notaveis dos poetas da eschola franceza, entre os quaes não tem egual Bocage».

Nas poesias do poeta novel, mais por genio que por estudo, abundam os traços capitaes das nossas 5 escholas.

Não será mister adduzir muitas provas do asserto.

Bastará lembrar aos amadores a *Andorinha*, a *Flôr da Innocencia*, e os *Teus Olhos*, com a poesia a *Lagryma*, abertura mimosa da collecção.

Bastará lembrar lhes o *Engano* e a *Supplica*, e as poesias *De Noite* e *Onde Existo*.

Bastará lembrar-lhes o *Amor*, o *Pranto*, e a *Rosa*, com as poesias *Eu Amo o Baile*, e *Flores do Campo*.

Bastará lembrar-lhes a *Rosa d'Alma*, e o *Sol e Sombras*, com a poesia *Tudo Passa*.

Bastará lembrar-lhes a *Scena Intima* e a *Ultima Pagina*, para não alongarmos em demasia as exemplificações do auctor.

Revelam-se especialmente nos seus versos os caracteres da eschola franceza, a par dos lineamentos da eschola dos trovadores.

No sentir e no pensar, revela essencialmente o caracter da eschola gallega; revelando essencialmente nas fórmas o caracter da eschola franceza.

O poeta novel parece copiar-nos ás vezes os modêlos saudosos do enamorado Macias, o mais affamado trovador da eschola gallega, morto com uma lançada nas prisões da Torre d'Arjonilla no antigo reino de Jaen, nas fronteiras de Granada.

Parece dar-nos, em novas fórmas, os requebros saudosos da canção por elle entoada, nos momentos em que o assassinára Porcuña, o esposo da dama dos seus enleios!

«Cativo, de mi tristura
Yá todos prenden espanto;
E preguntan, que ventura•
Foy que me atormenta tanto!
Mas no sé no mundo amigo,
O que mays de meu quebranto
Diga desto, que vos digo:
-Que ben see nunca devia
Al pensar que far solia!

«Pero que pobre sandece!
Porque me doy a pesar!
Miña loucura assi crece,
Que moyro por entonar!
-Pero mays non a verey;
Sí, non ver e desejar!
E poren assi direy
-Quien en carcel sole viver!
En carcel se vén morrer!

«Cuydé subir en alteza,
Por cobrar mayor estado;
E cay en tal pobreza,
Que moyro desamparado!
Con pesar y con desejo
Que vos direy malfadado!
Lo que yo he, ben o vejo:
-Quando o loco cáy mays alto
Sobir prende mayor salto!

«Miũa ventura en demánda
Me puso e a tan dudada,
Que mi coraçon me manda,
Que seja siempre negada!
Pero mays non saberan
De miña coyta lazdrada:
E poren assi diran
-Can ravioso y cosa brava!
-De su señor sé que trava!

Transcrevendo esta canção saudosa, modêlo expressivo d'enleios sentimentaes, não deixaremos de transcrever egualmente as suas duas versões mais affamadas, como prova do apreço do original, e pedra de toque dos quilates das imitações.

Deu-nos uma das versões La Beaumelle, em face do texto publicado por D. Thomaz Sanches na *Coleccion de Poesias Castellanas anteriores al Siglo XV*, começada a publicar em 1779, e findada em 1790.

Transcreve-a Fernando Diniz, no *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal et du Brésil,* publicada em 1826.

«E'tonnés, pleins de douleur,
Oyant le bruit de mes chaînes,
Voulez savoir quel malheur
M'accable de telles peines.
Cessêz, ô féaux amis!
Cessez vos questions vaines;
Toujours dirai ce que dis:
J'eus tort ayant des pensées
Pour trop hautes, insensées!

«Ai voulu, dans mon orgueil,
Atteindre le bien suprême ;
Et vais descendre au cercueil,
Et ma misère est extrême !
Mais en vain suis malheureux ;
Tant plus souffre et tant plus aime !
Chu dans un abîme affreux,
Le fol remonter désire,
Dût sa rechute être pire!

«Pour si peu n'allez gémir,
Bien plus grande est ma faiblesse ;
Et mourrai du seul désir
D'aggraver mal qui me blesse !
Las donc plus ne dois la voir !
Ne plus voir, aimer sans cesse,
Tel destin a pu m'échoir !
Cil qui vécut dans les chaînes
Doit mourir aux mêmes peines !

«Mon sort ne sut enchaîner
A si douteuse espérance
Que mon coeur ne put donner
A mes voeux nulle assurance !
Mais de ce cruel amour
On ignore la puissance ;
Et l'on dit du troubadour :
E'vitez -le ! il a la rage ;
Son maître en rend témoignage !

Deu-nos a outra versão o Dr. Christiano Bellermann nos seus *Die alten Liederbücher der Portugiesenoder Beiträge zur Geschichte der portugiesischen Poesie vom dreize hnten bis zum*

Anfang des sechzehnten Jahrhunderts nebst Proben aus Handscriften und alten Drucken herausgegeben (Os antigos Cancioneiros Portuguezes, ou Subsidios para a Historia da Poesia Portugueza, desde o 13.º seculo até o principio do 16.º, e excerptos extrahidos dos manuscriptos e antigos impressos) — memoria curiosa, dada á luz em Berlim em 1840.

Wehe mir, mein düstrer Blick
Schreckt schon Alle, die mich sehen,
Und mein hartes Missgeschick
Möchten Alle nun erspähen.
Doch kein Freund ist auf der Welt,
Dem ich's möchte sonst gestehen,
Als nur Euch, wenn's Euch gefällt.
Besser zwar, an das nicht denken,
Was in Wahnwitz kann versenken.

Hoch schon glaubt' ich mich vor Allen,
Grössres hofft' ich zu erwerben,
Und muss in solch Elend fallen,
Muss nun so verlassen sterben.
Voller Gluth und voller Pein
Was erzähl' ich mein Verderben,
Was ich bin, seh wohl ich ein:
Fällt ein Thor, — statt ihn zu beugen
Treibt's ihn, höher noch zu steigen.

Arm schon und im Geist gestöret,
Weil man mir nur Qualen bot,
Hat sich Tollheit noch gemehret,
Dass nun Hochmuth wird mein Tod,

Ob auch nichts mein eigen sei,
Als der Sehnsucht herbe Noth.
Darum sag' ich dieses frei:
Leben in des Kerkers Pein
Giebt schon Todesschmerz allein.

In so ungewissen Streit
Hat mich mein Geschick geführet,
Dass mein Herz mir prophezeiht:
Nichts wird mir, was mir gebühret.
Doch der Welt will ich nicht klagen,
Welche Qual mich hat berühret,
Und deshalb mag sie nur sagen,
Dass ein Hund, in Wuth gesetzt,
Seinen eignen Herrn verletzt.

Esta cançâo dolorosa de Macias, em todos os tempos, tem excitado admiração e compaixão.

Em todos os tempos tem os poetas sentimentalistas dedilhado na lyra, ou por genio ou por estudo, sons accordes com este modêlo.

«Ha aqui uma brandura d'expressão, um sentimento tam terno e melancholico, que encanta o leitor».

«Aqui apresenta-se a lingua quasi depurada e regular, os versos harmoniosos, e o córte das estrophes perfeito, e as rhymas bem collocadas».

Assim se exprime o nosso Costa e Silva na apreciação do enamorado Macias, que na opinião mais recebida passa por nosso natural, e não por gallego, como no seu famoso poema do *Labyrintho* parece indicar João de Mena, affamado poeta hispanhol do seculo 15.º

Nem de menos valor são, que éste canto de cisne moribundo, as outras quatro canções que nos restam ainda de Macias: com quanto só do canto mortuario nos dê noticia Fernando Diniz; dando-nos noticia de só elle, com mais duas canções, o nosso Costa e Silva; e de só elle, com mais tres canções, o marquez de Santilhana em D. Thomaz Sanches.

Acha-se a 5.ª canção, geralmente ignorada, «apesar d'indicada por Fr. Martinho Sarmento nas *Memorias para la Historia de la Poesia y Poetas Españoles*», n'um *Cancioneiro* manuscripto da bibliotheca real de Paris, donde a transcrevêra D. Eugenio Ochoa, para a edição que fizera de D. Thomaz Sanches em 1842.

Reconhecemos com Fernando Diniz, que n'esta canção de Macias «*il y a un abandon de douleur qu'on ne peut rendre que difficilement en prose ; et la concision des vers ne permet guère d'en présenter une version littérale*».

Apesar d'isso, não podêmos resistir aos desejos d'aportuguezar este saudoso texto gallisiano, conservando-lhe o mais possivel a candura das fórmas.

Impelle-nos a fazel-o, o não parecer-nos vêr na versão franceza, nem na versão alleman, o reflexo fiel do original.

Captivo, a minha tristura
A todos toma d'espanto:
E perguntam que aventura
Foi que me atormenta tanto!
Mas não sei, ao mundo amigo,
O que mais do meu quebranto
Diga, que isto que vos digo:

—Que bem sei, nunca devia
Al pensar no que sohia!

Cuidei subir em alteza,
Por cobrar maior estado:
E cahi em tal pobreza,
Que morro desamparado!
Com pezar, e com desejo,
O que tenho, bem o vejo:
—Quando cai o louco d'alto,
Em subir dá maior salto!

Porem que pobre tontura!
Porque me dou ao pezar!
Tal cresce minha loucura,
Que morro pela cantar!
Porem mais a não verei!
Sim: não vêr...e desejar!
E perem assim direi:
—Quem no carcer' soe viver,
Veja-se em carcer' morrer!

Minha aventura em demanda
Me poz, e tam arriscada,
Que meu coração me manda,
Que seja sempre negada!
Porem mais não saberão
Minha paixão agitada!
E porem assim dirão:
—Cão raivoso, e cousa brava!
De seu senhor sei que trava!

Na *Lagryma*, nos *Teus Olhos*, no *Onde Existo*, na *Rosa d'Alma*, nas *Flores do Campo*, no *Amor*, abundam os reflexos do sentimenta-

lismo poetico de Macias—abundam as canduras do poeta novel.

Ainda assim, não agradarão ellas a todos os leitores.

Apesar das bellezas, que sobresahem nas poesias do poeta novel, não faltará quem lhes avulte os senões de que não são isemptas, como scello natural das producções humanas.

Não é d'hoje a moda de censurar os escriptos com azedume, nem o sestro d'apodar os escriptores com acrimonia.

Asinio Pollion accusava d'infiel nas narrações a Cesar; de frouxo no estylo a Cicero; de vicioso nas palavras a Livio; e d'antiquado nos termos a Sallustio.

Aristídes, E'schines, So'crates, e Phocion, apesar dos seus meritos sobresalientes, não foram menos esmerilhados pela critica microscopica.

A nenhuns escriptores deixou ella incolumes nos tempos antigos.

Não lhe tem escapado, nos nossos dias, os escriptos de Theophylo Braga, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Ramalho Ortigão, Almeida Braga, Arnaldo Gama, Manuel Lobato, Ernesto Biester, Cesar Machado, Augusto Soromenho, e Urbano Loureiro.

Nem tem poupado os dramas de Mendes Leal, nem os romances de Camillo Castello-Branco.

Nem até tem deixado illesos os escriptos venerandos de Castilho e Herculano: — nomes gloriosos para as nossas lettras, como o nome glorioso de Camões, de quem canta o illustre bardo hispanhol Lopez de la Vega, na sua *San-*

ta Cristina de Valleije, collecção d'artigos litterarios em prosa e verso, dado á luz em 1857:

«Tú pátria de ser célebre dejára,
si tú no hubieses sido lusitano:
ni hubiera quién sus glorias recordára,
faltándole tu númen sobrehumano.

«Ni luz, ni heróicos hechos ornarian
la tierra de Herculano y de Castillo:
y á tu suelo natal jamás darian
Tanta gloria inmortal y tanto brillo!

«Un nombre!... ¿quién dijera, que la historia
de un pueblo para siempre inmortalisa?
¿quién piensa que de un hombre la memoria
de un pueblo los laureles eternisa?

«Sin Horacio y Caton ¿qué fuera Roma?
qué Grecia? sin Virgilio y sin Homero?...
— ¡La gloria de los pueblos nunca asoma,
si el bardo en recordarla no es primero!...

....

Apesar de tudo isto, nem a Camões poupou a critica esmerilhadora do Padre José Agostinho, nos seus dois volumes da *Censura dos Lusiadas,* dados á luz em 1820.

Nada passa por alto, por bom ou mau que seja: nem o poeta novel podia sequer sonhar com isso.

Cerre o poeta novel os ouvidos á critica zombeteira; e preste-os com attenção á critica illustrada.

Aprenda d'ella e com ella; e não se amar-

gure dos conselhos dos mestres, nem das reflexões dos amigos.

Nas alfandegas das lettras, não se despacham fardos de merito, sem contribuição previa d'amarguras.

Os diplomas do talento, os pergaminhos da reputação, não se obtem por monopolio, nem por contrabando. Passou para sempre essa quadra d'absolutismo litterario.

Compram-se no mercado liberrimo da analyse illustrada, em lanço publico e avaliação livre.

Nada se compra alli, que se não pague á risca; mas nada se vende, que não valha a pena da compra.

Appareça o poeta novel, conscio de si, com a sua collecção de poesias, na feira franquissima da critica illustrada.

Não receie não conhecer em sí, como poeta, os caracteristicos da eloquencia exigidos pelo bispo Sidonio Apollinario no 5.º seculo, em que fôra um dos padres mais facundos da egreja christan: — *opportunidade nos exemplos, propriedade nos epithetos, urbanidade nas figuras, ponderação nos pensamentos, um raio nas dicções, e um rio nas clausulas.*

Nem receie tam pouco, não dar logo aos amadores, em cada uma de suas poesias, a doçura d'Anacreonte, a singelleza de Theócrito, a belleza de Catullo, e a suavidade d'Horacio.

Creia o poeta novel, que nada d'isso apparece reunido n'um só escriptor, nem de prosa nem de verso.

Só por algumas prerogativas, é que alguns homens famosos se fizeram memoraveis.

Agamemnon singularisou-se pela energia, Menelau pela brevidade, Páris pelo artificio, Nestôr pela doçura, Augusto pela suavidade, Tiberio pela ponderação, Hadriano pela erudição, Constantino pela advertencia, Graciano pela modulação, e Ulysses pela fluencia.

Não receie por isso o poeta novel as exigencias abstractas da theoria; nem deixe de concorrer, como poeta estudioso, á exposição permanente das obras litterarias.

Exponha ao público as poesias, com a modestia que lhe é proverbial, no palacio industrial da critica illustrada.

Com a modestia, como com a mansidão, desarmam-se as iras mais encarniçadas.

Assim applacou Abigail a ira de David, Esther a d'Assuero, Volumnia e Veturia a de Coriolano, o pontifice Jado a d'Alexandre, e o papa S. Leão a d'Attila.

Assim applacaram as mulheres, e os meninos de Génova, as iras de Luiz 11.º de França.

Não se acanhe, nem se acobarde o poeta novel. Adestre-se sempre, e progrida sempre.

Não receie falha de lanço dos amadores. Nem receie tampouco o varejo dos almotacés da inveja — simulacros de *zeladores* municipaes, arvorados sempre, «por indole da especie», em *lezadores* dos escriptos e dos escriptores.

Braga, 10 de Abril de 1867.

Pereira-Caldas.

— I —

Creio que não ha coração, por mais rude que seja, que aos desoito annos não tenha sentido os perfumes d'uma inspiração d'amor!

Deus deu ao pobre, como ao opulento, duas flores tão bellas, como não podiam deixar de sel-o, sahindo de suas mãos: — a alma e o coração!

Ha para estas flores, como para as flores do campo, auroras d'immensa luz umas vezes, e trevas espessas outras tantas.

Se o vento sul, passando por sobre os lyrios das campinas, os faz pender e murchar, as tempestades da vida podem tambem vergar a alma e o coração.

Nascem com o homem as duas flores que Deus lhe deu; mas é aos desoito annos, abrindo as corollas, que todos os seus perfumes se fazem sentir.

O amor é então o orvalho que as vivifica; e o homem torna-se poeta n'essa edade!

As paginas que vão transcriptas adiante, e que bem podiam chamar-se paginas dos desoito annos, foram escriptas umas, entre as venturas dos sonhos do amor, outras, entre as tristezas

d'alguma illusão, que em breve se desfazia, orvalhada pelas lagrimas da saudade!

Esta d'aquem espelha a alegria d'um momento, aquella d'alem retrata a melancholia de um instante! Ha n'ellas vozes d'uma alegria, que parecia nunca ter fim, como ha notas de uma tristeza profunda que muitas vezes me feria! Raios de luz por um lado, sombras espessas por outro!

Nada valem por ventura para quem as ler. Para mim, teem um preço infinito, porque são o marco milliario, assignalando os limites d'uma epocha da minha vida, em que uma illusão cahia hoje feita em pó, para dar logar a outra que devia brotar no dia seguinte, risonha, bella, explendida.

São pequenas plantas d'um campo muito esteril, com flores sem perfumes e bellezas, de onde não pode, sequer, cahir um fructo.

Reunindo-as n'um pequeno ramalhete, aventuro-me a lançal-as ao publico, não porque me convença de que merecem um logar d'honra, embora mediocre, mas sim para satisfazer aos desejos que me tem animado n'estes ensaios, como espero me animarão com a sua benevolencia os que lerem o meu livro.

Braga, Dezembro de 1866.

O Auctor

A— * * *

Sou poeta por ti! Se um de meus cantos
Um dia merecer alguma flôr! . . .
Podes colhêl-a: minha gloria é tua,
Como, branca pombinha, o meu amor!

E's tu só que m'inspiras, visão meiga,
Branca acuçena de perfumes mil!
Unico sol no dia de minh'alma!
Unica estrella no meu ceo d'anil!

E's tu só que nas horas do silencio
Dizer-me vens: «Espera, canta e crê!»
Apontas-me um futuro, todo esp'ranças,
N'um sorriso d'amor, de crença e fé!

Sou poeta por ti! Se um de meus cantos
Alguma c'rôa um dia merecer! . . .
Podes guardal-a: minha gloria é tua,
Como o affecto, que viste em mim nascer!

Se a lyra, pomba minha, tenta um hymno
Vae d'envolta com elle o nome teu:
E' tua a imagem, que me leva prezo,
Em minha inspiração até ao ceo !

Alli, então, ha jorros d'harmonia . . .
A' seductora luz d'um teu olhar,
As cordas vibro do alaúde pobre ;
Harmonias do ceo tento imitar !

Sou poeta por ti ! Se um de meus cantos
Um dia merecer alguma flor ! . . .
Podes colhêl-a : minha gloria é tua,
Como, pomba innocente, o meu amor !

Braga — 1866.

LUZ E SOMBRAS.

I

LAGRYMA.

a minha irmã

Amelia A. A, Campos.

Lagryma d'alma,
Vaes ao cahir
Turbar a calma
De meu sorrir!
Filha singella
D'immensa dôr,
Lagryma! estrella
De morto amor!

Lagryma triste,
Gotta do mar!
Porque fugiste?
Que vaes buscar? . . .
Lagryma pura,
Ninguem te quer;
Só, n'amargura,
Podes viver!

Lagryma! esp'rança,
Que o sul pendeu!
Mar sem bonança!
Vida sem ceo!

Lagryma! queixa,
Que ao ar voou!
Lagryma! endeixa,
Que a dôr soltou!

Lagryma! anceio
De meu soffrer!
Buscas um seio,
Ninguem te quer!
Lagryma! crença,
Que ao chão cahiu,
Na dôr immensa,
Que o peito f'riu!

Lagryma triste!
Perdido bem!
Porque fugiste? . . .
Lagryma, vem!
Lagryma solta
Sem luz do ceo!
Lagryma, volta
Ao ninho teu!

Braga — 1866.

II

TRISTE. . .

Qual virgem do silencio, pensativa,
Em silencio te vi assim tambem;
Passava então a brisa fugitiva,
Pelos anneis, que teu cabello tem.

Scismavas! reclinada a meiga fronte,
— Imagem da tristeza — em tua mão;
Lançando o teu olhar ao horisonte,
Onde ia mergulhar-se o sol então.

Do astro á luz, que frouxa ia a perder-se,
Como era triste vêr-te triste assim!
Branca rosa d'amòr a fenecer-se,
Arrancada em botão do seu jardim!

Que dôr, que magoa, te ferira, virgem,
Sempre tão triste, pensativa . . . só . . .
Desfolharam-te as crenças na vertigem
D'uma illusão, que se desfez em pó? . .

Mancharam teu virgineo diadema,
No delyrio d'um beijo, que mentiu? . .
Gemido que soltaste, é um poema
Em canticos de dôr, que o peito f'riu?

Sempre triste, porque? qual o motivo
D'essa tristeza e d'essa solidão?
Já teus olhos não tem o brilho vivo! . . . .
Perdeu teu rosto a magica expressão! . . .

Que é do sorriso, que teu rosto tinha?
Que é dos folguedos do viver d'outr'ora?
Eras alegre, ó pomba innocentinha,
Pareces martyr do soffrer agora!

Porque não vaes colher ao prado flores?
Buscar um ninho em ramos d'um carvalho?
O ninho d'ave, onde a sonhar amores,
Occulta os filhos — do gelado orvalho?

Ias outr'ora desfolhar as rosas,
Na corrente do rio, que as levava;
E vendo-as ir nas ondas bonançosas
Sorrias á corrente, que passava!

Agora . . . sempre só e sempre triste . . . .
Quando não vertes perolas de pranto!
Não sei que magoa, que pesar t'assiste
Que tens na solidão tão doce encanto!

Volve de novo aos risos d'alegria,
Descerra os labios, virgem, falla, diz:
—Foi-se a nuvem, que em trevas m'envolvia,
Graças, meu Deus, sou outra vez feliz!

Braga — 1866.

III

ORA.

Filhinha, quando sentires
Ao longe bramir o mar,
E, nos espaços, tu vires
Os raios a fuzilar,
Dobra, filha, sem fugires,
Teus joelhos para orar!

Que talvez teu pae ness'hora,
—Os olhos fitos no ceo,
Nos labios, a voz, qu'implora—
Perdido n'algum escarceo,
Invoque Nossa Senhora,
Pelo anjinho, que lhe deu!

Talvez ande lá perdido,
Do mar entregue ao furor;
Vendo o seu barco partido,
Vendo a morte com horror!
Pensando no ninho qu'rido,
Onde vive o seu amor!

Assim, filha, se sentires
Ao longe bramir o mar,
E, nos espaços, tu vires
Os raios a fuzilar,
Ah! não fiques sem pedires
Por teu pae e vae orar!

Braga — 1866.

IV

TEUS OLHOS.

Quando fitam meus olhos os teus olhos,
E nas ondas da vida então nevego;
A' luz delles, não temo; então me elevo;
Do mar da vida galgo os mil escolhos!

São dous fachos de luz, nas trevas d'alma;
São dous astros n'um ceo d'azul e d'ouro;
Dous brilhantes cravados no thesouro
De teu magico rosto, sempre em calma!

Quando me sinto triste, basta apenas
Um teu olhar, para alegrar-me logo;
Muda-se o frio de minh'alma em fogo;
As horas de soffrer, n'horas serenas!

São azues! Teem a côr do firmamento,
Porque espelhar-se nelles vem o ceo!
E nunca o brilho delles se varreu,
Que ao ceo não muda a côr nem nuve' ou vento!

São dous imans potentes!.. Nem explico
D'outra maneira a fôrça que elles teem!
Morro por ti, se me olhas com desdem;
Se me olhas com amor, mais prêzo fico!...

Chego-me a ti, quando teus olhos vejo;
Não me canço em buscal-os, não os vendo;
E, vendo-os, nada vejo, nada entendo;
De vêl-os não se extingue o meu desejo!

Quando eu morrer, na minha campa, ó linda,
Um teu olhar sobre o meu pó descança:
Verás então—(alenta-me ess'esp'rança)—
Ao teu olhar como resurjo ainda!

Braga, Novembro, 1866.

V

SUSPIRO.

Só por ti, eu o juro . . . .
Só por ti, meus suspiros serão dados.
Reis Quita — Idyllios.

Como a rola que, voando,
Busca a prole que estremece;
E como o lyrio que cresce,
Seus perfumes exhalando;
Um só *ai* minh'alma exhala,
Que a amplidão attravessando,
Fito em ti, que vae buscando,
Vae soar bem junto a ti.

Se o sentires, meiga virgem,
Não t'esqueças da vertigem,
D'esse amor, em que vivi;
Não t'esqueças do passado,
— Lyrio murcho e desbotado,
Quando tinha mais vigor:
Não t'esqueças; que a lembrança
D'esses dias de bonança,

D'esses dias d'alma esp'rança,
Bem retrata o nosso amor!

Se o sentires, meiga virgem,
Guarda-o n'alma, guarda-o bem!
E' puro como a mais bella
Das florinhas, que o val'tem;
E' sentido como o canto
Do cysne, que moribundo,
Diz adeus ao triste mundo,
Que o contempla com desdem!
E' tão triste como a noute,
Em que o vento, qual açoute,
Varre o prado e curva a flor!
E' tão triste como as trovas,
Que da barca ao mar entregue,
Solta triste um pescador!

Se o sentires, meiga virgem,
Volta a mim teu pensamento:
Recorda por um momento,
Com que loucura te amei!
Recolhe as cinzas dispersas
D'essas flores tam diversas,
Com que outr'ora te brindei!
Estreita-as bem junto d'alma,
Une-as bem ao coração:
Talvez possas dar-lhes vida,
Como tinham, quando, qu'rida,
Foi ceifal-as minha mão! . . .
Pois ás vezes n'apparencia,
Bem tranquilla jaz a terra;
Quando nos seios encerra,
Lavaredas d'um volcão! . . .

Se o sentires, meiga virgem,
Traduz nelle o meu soffrer!
Oh! vê, que, embora distante,
Muitas vezes delyrante,
Nem sequer um só instante,
Um só te pude esquecer!
Esse *ai,* que minh'alma solta,
E' nota, que leva envolta,
Qual canto de trovador,
D'esta vida as agonias!
Nem um raio d'alegrias!
De venturas nem fulgor!

Se o sentires, meigá virgem,
Dá-lhe no peito um abrigo,
Que lhe sirva de jazigo,
E que o saiba compr'hender!
Se o tu deixas, voa aos ares,
Como a brisa dos palmares,
Que só Deus pode reter!
Dá-lhe um logar em tu'alma;
Talvez n'elle encontre calma,
E quem sabe se um outro *ai*? . . .
Acalenta-o, se puderes,
Como outr'ora aos *malmequeres*:
Só por ti é que elle vae!

Se o sentires, meiga virgem,
Não t'esqueças da vertigem,
D'esse amor em que vivi!
Não t'esqueças do passado,
Lyrio murcho e desbotado
Quando tinha mais vigor:

Não t'esqueças ; da-lhe amenas
Essas horas tam serenas,
Em que, longe o pranto e pennas,
Nosso pensar era amor !

Outubro de 1865.

VI

ENGANO.

(Recitativo)

Foram-se as crenças, que nutria est'alma ;
Morreu a calma ao coração em flor !
Tornou-se a vida procelloso oceano ;
Atroz engano, o meu viver d'amor !

Por cada rosa, que surgia altiva
A' luz tam viva d'um fulgor sem fim ;
Desponta agora lacerante espinho,
Pelo caminho, que julguei jardim !

Em vez dos risos de ventura, agora,
Minh'alma chora do passado a flor ;
Queimou-a a sesta, derrubou-a o vento,
N'um só momento de cruel furor !

Foram-se as gallas de visão risonha,
Se est'alma sonha no que foi, ou é ;
Geme saudosa, como pomba f'rida,
De luz despida, moribunda a fé !

Assim, sem crença que alimente est'alma,
Sem luz, sem calma o coração em flor :
A triste vida é procelloso oceano !
Atroz engano, uma illusão o amor !

Porto, Dezembro de 1865.

VII

DEUS, POESIA, AMOR.

Que nos diz a natureza.
Nas bellczas tão constante,
Quando a lua está brilhante,
No azul dos puros ceos?
Que nos diz a natureza?
Diz-nos — Deus!

Donzella, que sentes n'alma,
Quando vem fagueira crença,
Dar-te vida, vida immensa,
No extremo «adeus» do dia?
Donzella, qne sentes n'alma?
— E' poesia!

O que vês nas meigas rolas,
Quando unidas tão contentes,
Trocam beijos innocentes,
Como a brisa os dá na flor?
O que vês nas meigas rolas?
— E' amor!

Vizeu, 1865.

VIII

DE NOUTE.

A meu Pae :

em testemunho d'amor e respeito.

I

Do valle pelo fundo echoam tristes
Os sons do campanario em velha ermida,
Que surge em pobre aldeia, entre arvoredos,
E pelo espaço voam !
Meia noute !
Hora solemne de silencio eterno,
Em que o mundo repousa, apoz a lida
D'um dia mais, que, do passado, agora
Nos abysmos do tempo rola immerso.

II

Meia noute ! E n'um leito de mil flores
Ornado todo, em paz o justo dorme,
Veládo á cabeceira por um anjo,
Que as azas move, candidas e lindas,
Os olhos para o ceo erguendo alegre !

Em ancias crueis o criminoso
Se contorse tambem n'est'hora augusta!
Espinhos do remorso, o quasi gasto
Impuro coração, a alma perdida,
Ferir-lhe veem ; e um grito agudo solta,
Porque em sonhos horriveis, e constantes,
As imagens divisa, infileiradas,
Das victimas infindas que fizera!

III

Contente frua do Eterno as graças,
O que segue caminho illuminado
D'estrellas de bondade e de justiça,
Por seu dedo apontado a cada instante!
Os tormentos padeça do peccado,
O que a vida em peccado lhe passára
Entregue ao crime só, ao vicio prêzo
Com algemas de bronze indissoluveis,
As leis divinas renegando altivo,
Para culto prestar a vís torpezas
D'orgias infernaes, de lupanares,
Onde a virtude e a honra ter morada,
Embora o tentem, impossivel fôra!

Gosem uns os perfumes das roseiras,
Outros soffram callados seus espinhos;
E curve-me eu dobrando os meus joelhos,
Em canticos alçando a Deus louvôres!

IV

Quem vida dá, quem alimenta a planta,
Que á sombra augusta d'um carvalho annoso
Rasteira medra, em si modesta e pura?

E quem ao cedro das montanhas disse:
«Ergue teu collo, tua fronte eleva,
«Gigante das florestas, rei dos bosques!
«A immensidade fita, fita o espaço,
«Como rei dominando, o sceptro em punho,
«Os arbustos rasteiros teus vassallos?»
Quem as vagas tornou serenas, mansas,
Do mar em dura lucta enraivecido,
Parecendo tragar o fragil barco,
Que em demanda das praias, soçobrado,
As horas como seculos contava?

Tanto não póde, não, a força humana!...
De Deus um dedo só é quanto basta,
A revolver o mundo e transformal-o!

V

Oremos, pois, a Deus, de rôjo em terra!
Desprenda-se dos labios prece ardente,
Pedindo-lhe o perdão das culpas nossas,
E a lei da sua graça como guia!
O perdão baixará, virão as graças,
Se contrictos deveras lacrymosos,
A' cruz do Redemptor nos acurvarmos!

Se Deus a flor adorna com bellezas,
Se manda aos cedros elevar a fronte,
As vagas dominando, que se humilham
Ao gesto seu, á omnipotencia sua;
Todas as bençãos deprecar-lhe devem,
Como o pae carinhoso de seus filhos,
Depois que em prantos expiada seja
A transgressão da lei que Deus nos dera.

Oremos, pois, a Deus, de rôjo em terra!
E canticos soltemos de louvores!

VI

Meia noute ha passado; e mais uma hora
Apoz ella cahiu na eternidade, !
E eu, da lua ao clarão, contemplo o mundo,
Milagre do poder do Omnipotente,
N'uma rocha sentado, sobranceira
Ao mar, que em vagas corre a espreguiçar-se
Nos immensos lençoes de fina areia;
Sentindo que minh'alma se desprende
Das algemas, que á terra a tinham preza,
Para ao ceo elevar-se em voos d'aguia,
Onde entre córos de milhares d'anjos,
Seu throno tem o Redemptor do mundo!

Novembro, 1865.

IX

A FLOR DA INNOCENCIA.

Rosa ineffavel! que se á luz assoma
Haste e raiz apodreceu com ella!
João de Deus.

As flores do prado, virgem,
Como sensiveis que são!
Duram apenas um dia;
Porque vem a ventania
Lançal-as murchas ao chão,
Se não forem resguardadas
Da aspereza das rajadas,
Que despede o furacão!

Assim tu, se não livrares
Das tempestades da vida,
Da innocencia a pura, a qu'rida,
A casta mimosa flor;
Hasde vêl-a ao chão lançada
Das paixões pela rajada,
Triste, murcha, desfolhada,
Sem perfume e sem fulgor!

Novembro, 1865.

X

FOGE!...

(N'um Album)

Da luz á mariposa attrahe a chamma;
A' luz a mariposa vôa e vae:
Em gyros mil e mil, na luz que a inflama,
Queimada toda, moribunda cae!

O amor é assim, virgem: seus encantos,
Apparentam prazer, que nos seduz!
Mas só nascem do amor dores e prantos...
Não sejas mariposa: o amor é a luz!

Não te deixes prender pelos fulgores,
Pelos sonhos gentís d'uma paixão:
Foge-lhe: o amor é a luz...prantos e dores
A chamma sua...e queima o coração!..

Porto, 1866.

XI

A ROSA.

Maria vendo uma rosa,
Disse logo : Heide colhêl-a ! . . .
Não podendo tocar n'ella,
Ficou triste e pezarosa.

Mirando a rosa que via,
Maria quasi chorou ! . . .
«Heide colhêl-a, jurou,
«Ou não me chame Maria !

Foi um dia com geitinho,
Chegou á rosa, e cortou-a ! . . .
Mas logo depois deixou-a,
Ferida d'um seu espinho.

Zangou-se. . . e n'um tal excesso
Ao chão a rosa lançára !
E diz : E' bella, mas cára,
Comprada por um tal preço !

Então a rosa em desdem
Disse a Maria raivosa:
«Em fim, quem colhe uma rosa,
«Espinhos colhe tambem!

Braga, 1866.

XII

A ANDORINHA.

Oú vas tu? . . . . .
Arnault

Meiga andorinha,
Para onde vaes? . . .
Vôas sosinha?
Deixas os pais?
Deixas os lares?
Deixas amor?
Vôas nos ares
Fugindo á dôr? . . .

Não póde o vento
Em si levar-te?
Basta um momento
Para matar-te! . . .
Oh! se tu viras
Teu nôvo ceo;
Tu não fugiras
Do ninho teu!

Lá não ha flores,
Nem ha prazer!
Lá só ha dores,
Só ha soffrer! . . .

Pára, andorinha ;
Geme o tufão !
Volta, louquinha ;
Não fujas, não !

Pequeno raio
Te pode f rir ;
E n'um desmaio,
Quem te accudir ?...
Rugem as vagas ;
Ouves o mar ?
Nas novas plagas
Como habitar ?

A terra é nua,
Sombrio o ceo !
Nuvens a lua
Cobrem, qual veo !
Se tu sonháras
Tal aridez ;
Não nos deixáras
Aqui talvez !

Meiga andorinha,
Não fujas, não !
Quem lá te aninha
Contra o tufão ?...
Fende os espaços ;
Volta, não vás !
E em mil regaços
Amor terás !

Braga, 1866.

XIII

SONETO.

São frageis illusões de ledos sonhos,
As imagens que a mente phantasia!
A flòr em pó se torna apoz o dia,
Em que a brisa lhe deu beijos risonhos!

Transformam-se em abysmos, bem medonhos,
As vagas em que o ceo se reflectia!
Succede o pranto aos risos d'alegria,
E, aos dias de prazer, dias tristonhos!

Somos hoje felizes; muda a sorte,
Vem as nuvens toldar limpidos ceos:
Mal pensamos na vida, surge a morte!

Tudo muda, Senhor, ao gestos Teus:
E só vós não mudaes, só vós sois forte,
Porque eterno, immutavel sois, meu Deus.

Dezembro, 1865.

XIV

O CYPRESTE E O CHORÃO.

O cypreste disse um dia,
Ao chorão que tinha ao pé:
—Diz, companheiro, porque é
Que vivendo sempre unidos
N'um abraço fraternal,
Eu a fronte ao ceo elevo,
E tu te curvas ao chão
Com aspecto funeral?

—E' porque, diz o chorão,
Embora vivendo unidos,
E' diversa a nossa sorte:
Aos homens mostras o reino,
Que em si o eterno encerra;
Eu mostro-lhe o pó da terra,
O que são na vida e morte!

Vizeu, Agosto de 1866.

XV

ROSA D'ALMA.

(*N'um livro*)

Levae a flôr dos tropicos em vasos,
Embora d'ouro, de brilhantes finos,
E entre os gelos do norte collocae-a ;
Dae-lhe cuidados mil, entre as nortadas :
Vereis que a tenra flôr viceja a custo,
Até que estiolada, dia a dia,
Myrra, definha, e desfolhada morre !

E' como a flôr dos tropicos a rosa,
Branca rosa d'amor, que a alma cultiva !
Vive viçosa, perfumada e bella,
Se lhe assiste o calôr d'um seio d'anjo :
Mas se o gelo mortal d'uma indiff'rença
Lhe roçar a corolla ; então a pobre
Myrra, definha, e desfolhada morre !

Braga, Novembro de 1866.

XVI

A FOLHA.

. . . . avant l'automne,
Au sein des airs la feuille tourbillone . . .
Millevoye — Poesies—

Nasce a folha ao tenro arbusto
Na primavera gentil :
Como é feliz ! . . . como é bella ! . . .
No risonho mez d'Abril !

Vem, depois, do outono a quadra,
E perde o vigor, fallece !
Pobre folha ! d'esmeralda,
Deixa a côr, amarellece !

Sopra o vento, cae a folha
Por elle impellida ao chão ;
E, mais tarde, em pó desfeita
Vae nas azas d'um tufão !

Qual da pobre folha a vida,
A vida nos vae tambem :
Se da folha a vida é triste,
A nossa tristezas tem !

Porto, Janeiro de 1866.

XVII

DESCRENÇA.

Ha só real a dôr na vida e prantos!
Mil por um prazer!...
Por cada branca rosa, agudo espinho:
Desfaz uma illusão cada carinho:
Viver é soffrer!

Olham muitos no mundo um paraizo,
E outros um jardim!
Eu, se descubro flores, vejo abrolhos:
Vejo no mundo um mar de mil escolhos:
Deserto sem fim!

A'rida planicie, êrma d'esperanças,
De crenças, de fé!...
Oceano de miserias horrorosas:
Banquete só de taças venenosas:
Eis a vida o que é!

A gloria é phantasia, qual do fumo
Aéria espiral!...
Doce licor, que a muitos embriaga:

Flor d'haste louçan, que um sôpro esmaga,
D'atro vendaval !

A amisade é mentira ! amor quimera ! . . .
E' tudo illusão ! . . .
Real, a morte só ! real, só Deus !
O resto, um mar de negros escarceos :
Tudo cerração !

Ha sò real a dôr na vida e prantos !
Mil por um prazer !
Por cada branca rosa, agudo espinho :
Desfaz uma illusão cada carinho :
Viver é soffrer !

24 de Novembro de 1866.

XVIII

A MÃE.

a minha irman

Maria Adelaide d'Almeida Campos.

Deus e a Virgem nunca deixaram d'escutar aquelles, que imploram a sua graça.

—Henrique Conscicncia—

I

Jaz a innocente no berço
Cruciada pela dor!
Vae-se-lhe o brilho dos olhos,
Murchando, qual murcha a flor!

Nas faces, sêceas as rosas!
Nos labios, falto o carmim!
Geme qual branca pombinha!
Innocente seraphim!

Parece voar-lhe a vida
N'um gemido a cada instante,

Como voa entre roseiras
Sôpro de brisa ondolante!

Anginho! que mal farias,
Da aurora no alvorecer,
Para o brilho das estrellas
De teus olhos se perder?

Chamam por ti das alturas,
Como parte ao seu festim,
Os anjos que a Deus sorriem
Entre aromas de jasmim?

Casto lyrio, volve os olhos
Aos prantos d'afflicta mãe
Debruçada no teu berço,
Como pendida cecem!

Tira-lhe a c'roa d'espinhos,
Que a pobre por ti soffreu!
Dá-lhe a esp'rança n'um sorriso,
Na terra mostra-lhe o ceo!

II

Como estatua de dôr aos pés d'um tumulo,
A pobre mãe a filha contemplava;
E vendo murcha a rosa, que orvalhava
Com lagrymas d'amor; extincta a luz
D'almo porvir; de rôjo se curvava,
N'angustia extrema, súpplice ante a Cruz!

Filha! flor! flor que est'alma embriagavas,
Deixas-me?... chega-te ao seio meu... vem!

E' todo teu o amor que o peito encerra;
Para aquecer-te o fogo que elle tem!
Oh! não me deixes, candida acuçena . . .
Se a vida perdes, foge-me tambem!

— Eu dou-te um beijo em fogo, e tu gelada
Respondes-me na dor c'um teu gemido!...
Cinge-te ao meu pescoço, innocentinha,
Como collar d'amor entretecido!
Balbucia sequer de *mãe* o nome,
Para allivio da dor que me consome!

III

Ella, a pobre innocentinha
No seu berço reclinada,
Como rosa estiolada,
Sem perfume e sem frescor,
Não ouvia as vozes tristes,
Da dorida mãe afflicta,
Cujo seio pulsa, agita,
A mais agra e negra dor!

Pombinha ferida n'aza,
Cahida depois em terra,
Deslisa os labios, descerra,
Um sorriso angelical!
Tua mãe vive nas ancias
D'uma infinita amargura!
Dissipa-lhe a nuv'escura,-
Pronúncio do vendaval!

Mas quem póde á flor pendida,
Dar o viço que perdeu? . . .

— Só prantos da madrugada,
Perolas vindas do ceo !

Pede ao ceo tambem, ó mãe,
O viço da tua flor :
A Virgem ouve os seus filhos,
Que lhe pedem com fervor !
Implora-lhe, implora a vida
Da filha do teu amor !

IV

A mãe dobrou-se, como debil vime,
E repleta de fé as mãos ergueu !
Dos labios que tremiam, esta prece,
Férvida ella exhalou, fictando o ceo :

— Casta Virgem, Mãe de Deus,
Mãe tambem dos peccadores;
Oh ! livrae-me destas dores,
Mãe de Deus !

— Casta Virgem, Mãe de Deus,
Luz do ceo, que tanto brilha ;
Tende dó da minha filha,
Mãe de Deus !

Casta Virgem, Mae de Deus,
Modêlo de santo amor ;
Dae alento á pobre flôr,
Mãe de Deus !

Casta Virgem, Mãe de Deus,
No soffrer, balsamo sancto ;

Enxugae-me o triste pranto,
Mãe de Deus!

V

No fim da prece, a pombinha
Deslisou meigo sorriso!
N'ess'hora, que paraiso
Para a mãe, que s'inclinou,
No berço do seu anjinho,
Que louca d'amor beijou!

Já não era a flor pendida
Ao calor do estio, não!
Era a rosa dos perfumes,
Em viçosa animação!
Era estrella em noute escura,
Aurora d'immensa luz!
Era collar d'alvas perolas,
Com remate d'aurea Cruz!

Não era luz moribunda,
Era pharol d'alegria!
Não era o vago gemido,
No estertôr d'uma agonia!
Era a esp'rança de ventura,
No sorrir que desprendia!

VI

Eleva agora, ó mãe, aos ceos um hymno
De pura gratidão!

Salvou-te a Virgem a pombinha tua
Da furia do tufão !

Cada gotta de pranto que vertêste,
No transe da agonia,
Agora se converta em riso meigo,
Em flores d'alegria !

Vizeu, Setembro de 1866.

XIX

A FLOR E A VIDA.

Como a flôr, que a aurora orvalha,
Languescida ao meio dia,
De tarde, pendida a fronte,
Sendo á noite cinza fria;

E' bella na infancia, a vida,
Na mocidade, paixão;
Na velhice, morta crença,
Cadaver d'uma illusão!

Coimbra, 1864.

XX

ONDE EXISTO ?

. . . . *Nem ao menos*
. . . .
Um teu vestigio achei, embora fosse
Escripto sobre as dobras da mortalha!
J. M.

Cançaste de buscar-me ; e não podeste
Encontar-me na terra, ou ver-me a sombra,
De dia á luz do sol, de noite aos raios
Da meiga lua, que pratêa o mundo !

Interrogáste os echos da montanha,
A flor. que o prado aromatisa e esmalta ;
O fresco arroio que deslisa brando,
Por entre os freixos que nocturna aragem
Balouça, agita, perpassando fria ;
E os echos da montanha, a flor o arroio
Não poderam dizer-te, onde é que existo !

Foste ás ondas do mar, que uma por uma,
Nos immensos lançoes de fina areia
D'entre as desertas praias vinham todas

Estender-se de manso espreguiçar-se,
A' luz das estrellinhas que scintillam
N'um ceo d'anil !... e as vagas não poderam,
Louco d'amor, dizer-te onde é que existo !

Cançaste de buscar-me ; e não podeste
Encontrar-me na terra, ou ver-me a sombra,
De dia á luz do sol, de noite aos raios
Da meiga lua, que pratêa o mundo !

Fôste ao leito do triste agonisante,
Julgando achar-me a confortal-o n'ancia,
Nas dores d'alma, que o tornavam martyr ;
E viste-lhe soltar o extremo arranco
Entre o pranto sem fim d'esposa e filhos,
D'irmãos, d'amigos, que por elle oravam ;
Sem que ouvisses dizer-lhe onde é que existo!

Fôste aos salões brilhantes ; viste apenas
Por toda a parte joias, luzes, flores,
Homens perdidos, encobrindo o vicio,
Ebrias mulheres a escutar-lhe as fallas,
Em louco enthusiasmo na vertigem
Da mazurka, da schotish, e polka, e walsa ;
Sem que ao menos sonhasses onde existo !

Cançaste de buscar-me ; e não podeste
Encontrar-me na terra ou ver-me a sombra
De dia á luz do sol, de noite aos raios
Da meiga lua, que pratêa o mundo !

Perdida a esp'rança d'encontrar-me viva
Foste de noite perguntar as campas,
E aos cyprestes esguios, se me viram !..

Respondeu-te o silencio!.. Nem um echo
Dos sepulchros sahio!.. Nem um vestigio
Encontraste, sequer, que desse indicio
Pobre louco d'amor, donde e que existo!

Cançáste de buscar-me; e não podeste
Encontrar-me na terra, ou ver-me a sombra
De dia á luz do sol, de noite aos raios
Da meiga lua, que pratêa o mundo!

Chamou-me Deus a si: voei ao alto;
Dexei do mundo as gallas, sempre falsas
Pelas gallas de ceo que não se offuscam,
Depois de ter remido as culpas minhas!
Entre infindos sorrisos d'alegria,
Entre rosas d'amor e coros d'anjos,
No ceo, louco d'amor, é que eu existo!

Braga, 1866.

XXI

RECORDAÇÃO.

«Candida flor, te disse, amo-te muito!
Affecto egual não ha, por certo, assim . . .»
—Recordas-te ? . . . eu olhava-te incessante :
Tu teus olhos lançavas sobre mim!

Mas tu não respondeste . . . . As puras faces
Incendiou-te divinal pudor !
Não moveste teus labios ; mas embora,
A voz d'um teu olhar me disse — amor!

Braga, 1866.

XXII

MARIA.

Maria, quando te vejo
Com a face descorada;
Como rosa desmaiada,
A que a aragem dera um beijo . . .

Quando sobre mim descanças
Teu olhar amortecido;
E teu cabello comprido
Não se enlaça em louras tranças . . .

Quando—lyrio das campinas—
A's vezes te vejo triste;
Quando a dôr em tí assiste,
E languida a fronte inclinas . . .

Quando deslisa em teus olhos
Uma perola de pranto;
Quando pende o teu encanto,
Como a flôr entre os abrolhos . . .

Quando assim te vejo extincto
O prazer que em ti nascia;

Mais tua melancholia
Me desperta o amor que sinto ! . . .

Se choras, minh'alma chora ;
E sou triste, se teu rosto
Tolda a nuvem do desgôsto,
Que da vida o sol descóra.

Em teus suspiros m'inflammo,
Quando tu'alma suspira;
Tua tristeza m'inspira :
Porque soffres, mais eu te amo !

Braga, 9 1867.

XXIII

UM BEIJO.

(Imitação)

Donzella! se mil thesouros,
Se mil joias eu tivera;
Riquezas, joias te dera
Por um só dos beijos teus!
Dera-te as crenças d'est'alma,
Firmadas todas em Deus!

Dera-te a esp'rança do gôso,
Ficasse embora a penar:
Dera-te as flores da vida,
Ainda que uma resequida
Me não podesse restar!
Dera-te os louros, a gloria,
Minhas palmas de cantôr,
Por um só dos beijos teus,
Mas um beijo todo amor!

Dera-te a terra, donzella,
Se da terra fosse rei!
E dera-te o mar, se as ondas

Andassem á minha lei!
Dera-te os astros do ceo,
Quando os astros fossem meus:
Dera o corpo, dera a vida:
Dera tudo, ò virgem qu'rida,
Por um só dos beijos teus!

Braga, Outubro de 1866.

XXIV

SUPPLICA.

Vivo louco d'amor ! Não me abandones!
O teu amor me dá, filha, tambem !
Não vês acaso como o lyrio, ó anjo,
Vive só para a candida cecem ?...

Não vês o cysne como adora as aguas
Das ondas do seu lago, côr do ceo ? ...
Assim est'alma te requesta, ó filha,
Idolo encantador do peito meu!

Deixa que eu gose, reclinada a fronte
No teu collo gentil, a mòr ventura ! ...
Em quanto que d'est'alma se desprende
Hymno saudoso, que por ti murmura !

Vivo louco d'amor ! Não me abandones !
O teu amor me dá, filha, tambem !
Sê, anjo, como o lyrio das campinas,
Que vive para a candida cecem !

Vizeu, Setembro de 1866.

XXV

BELLA E MÁ . . .

E's bella, mas és má ; porque me foges
Quando procuro ver-te unida a mim ?
E, vendo-te com olhos amorosos,
Não me lanças os teus tambem assim !

Julgas o meu amôr uma mentira ?
E's bella, mas és má, se crês em tal !
Quero-te como a brisa quer á rosa,
Que timida se occulta entre o rosal !

Peço-te com fervor um—sim dos labios...
E's bella, mas és má. . . respondes—não !
E deixas-me viver de noite e dia
Nas chammas devorantes d'um volcão !

E's bella, mas és má. . . não me crucies ;
Dize que por amor, amor me dás !
Livra-me deste inferno torturoso ;
Ao menos um momento dá-me em paz !

Dá-me um instante só de puro gôso ! . . .
Já que és tão bella, para que és tam má...

Oh! sê perenne fonte por um pouco...
Mata-me a sêde em que minh'alma está!

Tenho sêde d'amor! e amo-te cego!
Se tu és bella, porque és má, porque?..:
Oh! não desfolhes a illusão d'est'alma...
Deixa-me ao menos uma flôr em pé!

Tam novo ainda, não verei fulgir-me
Da primavera as rosas em botão?...
Oh! sê tam boa, como és bella, ó virgem;
Não me dês, por amor, desprêzo, não!

1865.

XXVI

TUDO PASSA!

Fanam-se as gallas do trajar do mundo;
Tem fel as taças de qualquer festim :
Da vida os gôsos, em sonhar profundo,
São frias cinzas d'um vulcão no fim !

Os castos lyrios, que banhou a aurora,
Pendidos jazem, se o tufão passou !
Se branca rosa desabrocha agora,
E' logo murcha, e de langor vergou !

Mudam-se os risos, de soffrer em pranto ;
D'hoje os prazeres amanhan são dôres :
Tornam-se trevas, de sombrio espanto,
Da luz os raios de gentis fulgores !

O rico d'hoje, 'manhan em pobreza,
Para suster-se, de pedir terá !
D'hoje o albergue, que a pobreza encobre;
Mansão de gosos amanhan será !

Tudo se muda, que varia a sorte !
Hontem, prazeres, flores, vida, e luz :

Hoje, mil dores, e depois a morte,
Cinzas na campa, e sobre a lousa a cruz!

Fanam-se as gallas do trajar do mundo;
Tem fel as taças de qualquer festim:
Da vida os gosos, em sonhar profundo,
São frias cinzas d'um vulcão no fim!

1865.

XXVII

IMPOSSIVEL.

I

Sonhei-te nos meus sonhos do passado,
N'essas visões sublimes de minh'alma,
A' luz d'intimo affecto, que brotava,
No peito meu, qual candida acuçena,
Que á luz d'aurora, e cheia de perfumes
Entre os lyrios do val'desponta alegre!

Eras o anjo bom, por quem de dia,
Em louca aspiração, eu suspirava!
A luz, porque anceava em longas noutes,
No silencio d'est'alma, ardendo n'ancia
D'um só goso d'amor, candido e puro,
Como o amor, que por ti, então, sentia!

Oh! quantas esperanças tam risonhas!
Quantas crenças tam santas, quantas flores,
Da vida a perfumarem-me o caminho!
Oh! quantas estrellinhas scintillando,
No azul d'um puro ceu, limpo de nuvens,
Espelhado nos crystaes d'um lago puro!

II

Amei-te! amei-te muito! qu'importava? !
Se não podias dar-me um teu sorriso,
Lançar-me um teu olhar tambem d'affecto!
Se eram falsas as crenças de minh'alma,
Porque entre o meu e teu amor se erguia
Horrivel o espectro do—impossivel!

Amei-te, pomba, como te amo ainda,
E como te heide amar em quanto exista!
Qu'importa? se das flores, que sonhára,
Nem um vestigio só me resta agora!
Se não resta, sequer, uma esperança!
Se não podes tambem dizer-me:—Eu te amo!

Sonhos d'amor, esp'ranças de ventura,
Perdidos para sempre! murchos todos!
E eu como louco a amar-te! comdemnado
Ao desespero, á solidão, ás magoas,
A's lagrimas de dôr, só porque existe,
Entre nós a barreira do—impossivel!

III

Para que havia eu de amar-te tanto, tanto,
Se não podias saciar-me a sêde,
Esta sêde d'amor, que me devora!
Se não podias enxugar meus prantos,
Ou receber meus risos d'alegria,
Quando eu fosse feliz ou desgraçado!

Impossivel! porque? Se amar é crime,
Que valle um coração! Soffra o castigo

Inteira a humanidade, pois no livro
Do amor inteira lê! Todos soletram,
A' luz do ceu, seu verbo puro e candido,
Em caracteres d'ouro sempre escripto!

Amar-te! e não poder que um teu sorriso
Esta ardencia d'amor venha abrandar-me!
Vendo negras as nuvens do futuro,
Entregue á solidão ao desespero,
A's lagrymas da dòr, só porque existe
Entre nós levantado o—impossivel!—

Braga, 1867.

XXVIII

SOL E SOMBRAS

I

Nasce a flor junto ao regato,
Alegre, risonha e bella,
A' luz da magica estrella,
Que na vida é seu pharol!
O calix abre mimosa,
Em manhã d'abril, formosa
Do mais luzido arrebol!

Que vida feliz!... as aguas
Do crystalino regato,
Passam todas com recato
Temendo molhar a flor!
Dão-lhe no canto as aves
As harmonias suaves
D'um hymno d'immenso amor!

Mas n'um dia, em mez d'estio,
Um raio do sol ardente,
Queima a flor! depois pendente
Parece de dôr findar!

Pede amor, e só tem dores;
Pede á estrella os seus fulgores;
Mas ninguem a vê brilhar!

Mais tarde, folha por folha,
Nas azas d'irado vento
Vôa a pobre n'um momento
Murcha, secca, sem fulgor!
Se teve gosos na vida
Fanou-se a pobre, perdida!
Fez se em pó a pobre flor!

II

Sulca as aguas do mar ligeiro barco,
Como penna impellida pelo vento—
Serenas são as vagas: — o horisonte
Em raios d'ouro luz cada momento!

Puro o ceo de saphiras cravejado,
Dá mimosa esp'rança em cada estrella;
Ceo e mar! oh! que bello, immenso quadro;
Para o nauta, que scisma em noute bella!

Bonança no tempo, e n'alma a bonança,
De rosas o mar, eil-o em fito ao porto:
Oh! que ditosa vida o nauta passa,
O nauta que não busca á dôr conforto!...

Sulca as aguas do mar ligeiro barco,
Como penna impellida pelo vento—
Serenas são as vagas—o horisonte
Em raios d'ouro luz cada momento.

Mas pouco e pouco negra nuvem surge,
Tolda-se o ceo! que negra cerração!
Relampagos fusilam! silva o vento!
Vacilla o barco á voz do furacão!

Pertem-se os mastros! e rompem-se as vellas,
A negra tempestade mais se ateia!...
Que bella vida que passava o nauta!
E como agora já na dôr anceia!

Sulca as aguas do mar ligeiro barco,
Leve penna impellida pelo vento:
Bonança n'alma, ao nauta que alegria!
Tempestade no mar, quanto tormento!

III

Se um prazer nos doura a vida,
Apoz um desgosto vem;
A rosa, que tem perfumes,
Occulta espinhos tambem!

Se um sorriso d'alegria
Nos vem dos labios á flor;
Logo apoz nos rega as faces
O pranto d'immensa dôr!

Se o peito vive d'esp'ranças,
Se noss'alma crenças tem;
São rosas que murcham logo
Ao sopro d'algum vaivem!

Se ha lyrios em nossa estrada,
Em nosso campo verdores;

Ha tambem seccos abrolhos,
Espinhos em vez de flores.

Ha na vida mil doçuras,
Horisontes d'ouro e luz;
Como ha taças de veneno,
Para o martyr uma cruz.

Ha beijos, que dão alento,
Ha vozes, que esperanças tem;
Como ha palavras, que matam,
Beijos de Judas tambem.

Se um prazer nos doura a vida,
Apoz um desgosto vem;
A roza, que tem perfumes,
Occulta espinhos tambem.

IV

A aurora desponta risonha, fulgente!
Que encantos! que gosos! que fresco arrebol!
Mas longe, mais longe, que nuvem ingente!..
Ha sombras na terra, se ha raios de sol!

Do arbusto, pousado, nos ramos floridos,
Que endeixas entoa gentil rouxinol!
Serão alegrias, ou tristes gemidos? . . .
Ha sombras na terra, se ha raios de sol!

O homem na terra, se é nauta e procura
Nas ondas da vida brilhante pharol,
Tem luz por instantes, que breve fulgura . . .
Que ha sombras na terra, se ha raios de sol!

Braga, Novembro, 1866.

XIXX

O RAMO DE CYPRESTE.

Branca pomba acceita o ramo
De cypreste e guarda-o bem,
Que a tristeza, que elle infunde
Minha tristeza é tambem.

E se um dia te lembrares
Do pobre que t'o offertou
Não esqueças, pomba minha,
O muito que elle te amou.

E quando jazer meu corpo,
Na valla do cemiterio
Humedece c'uma lagrima,
Este raminho funereo!

—186 . . . —

XXX

DOR DE MÃE.

Entre nuvens d'incenso ao ceo elevas
A supplica de mãe, chorando a filha,
Que a morte quer roubar-te, e em que não brilha
Um riso—luz para tua alma em trevas.

Soltando d'alma a voz tão dolorosa,
Imploras d'alma, a Deus a protecção,
Para a filhinha tua que um tufão
Vergar parece, como a debil rosa.

Vêl a no berço já tão moribunda !
Turvado o olhar, outr'ora bello e vivo,
Sem que possas achar um linitivo
Para tão grande dôr e tão profunda !

Oh ! que é bem triste ! mas foi mãe a Virgem. . .
Pede. . . supplica-lhe e seras ouvida ;
Dobra os joelhos teus, alma dorida,
No duro transe da fatal vertigem !

Verás então como resurge bello,
Mais bello e puro do que fora outr'ora,
O anjo innocente, que tu'alma chora,
Perdida a esp'rança de fagueiro anhelo !

1866.

XXXI.

A CRUZ DO ADRO.

Eu adoro a cruz do adro
Coberta de musgo verde,
Onde á tarde o ultimo raio
Bate, do sol, que se perde . . ,

Eu adoro a cruz do adro,
Onde á tarde vem orar
Os habitantes d'aldeia,
Apoz seu longo lidar.

Eu adoro a cruz do adro
Tam singella, tam gentil,
Da qual nos braços de pedra
Se depõem corôas mil.

Eu odoro a cruz do adro
No centro da minha aldeia,
Quando a luz da lua magica
Da serra as casas branqueia.

Eu adoro a cruz do adro
Ao extremo adeus do dia,

Quando tange o campanario
D'alva ermida, a «Ave Maria.»

Eu adoro a cruz do adro,
N'ella adoro o Redemptor ;
Vem-me d'ella santo balsamo
Quando est'alma vive em dor.

Adore-te ! cruz singella,
Cruz d'aldeia . . . linda cruz !
Pois se meus olhos te fitam
Em ti comtemplo Jesus !

1866.

XXXII

Ultimas palavras d'um crente.

Peccei na vida muito ! sei que morro,
Porque da luz da vida, quasi extincto
Vejo o clarão . . .
Madalegna peccou, mas foi contricta
Lançar-se aos pés de Deus, movendo a Deus
A compaixão !

Perdoae-me tambem as culpas minhas. . .
Embora peccador, como fui morro,
Morro christão !
Não lego ao mundo prantos nem os levo,
Porque no reino Vosso creio muito . . .
Senhor . . . Perdão !

Novembro, de 1865.

XXXIII

DEUS.

O nauta, que vê as ondas
Em medonhos escarceus,
A' luz d'uma triste aurora . . .
Contricto ajoelha e ora,
Salvação pedindo a Deus.

O proscripto, que exilado
Debaixo d'estranhos ceus,
Em saudades vive e chora . . .
Contricto ajoelha e ora
Inplorando a patria a Deus.

O captivo, que entre ferros,
Só de longe falla aos seus
Sem esperança animadora . . .
Contricto ajoelha e ora,
Liberdade pede a Deus.

Pura mãe, que vê coberto,
Da morte com tristes veos,
O filho, que tanto adora . . .
Contricta ajoelha e ora
Piedade rogando á Deus.

O joven, que vive ausente
Da virgem dos sonhos seus
Sem que só a esqueça uma hora
Contricto ajoelha e ora
Para vêl-a, ao pés de Deus.

O pobre, que vive em fome
Pedindo a esmolla aos ceus,
Que debalde a irmãos implora...
Contricto ajoelha e ora
Sua esp'rança pondo em Deus.

E é Deus, que escuta o nauta
Como o proscripto tambem;
Como os rogos do captivo,
Como os gemidos da mãe,
Como os accentos do amante,
Como a voz tam penetrante,
Do pobre, que envoca os ceus
Pois que só é fonte pura
D'onde dimana a ventura,
O filho da Virgem — Deus. —

1865.

XXXIV

NO LEITO.

(a um amigo)

E' bem intima a voz, que vem dizer-me :
—Em breve ao gelo do sepulchro irás !
E eu bem sei que minh'alma se esvaece
Como d'um sonho uma illusão fugaz.

E' triste, amigo, ao despontar d'aurora,
Quando a manhã do goso ia a nascer,
Ver de sombras vestida a natureza
E do futuro a esperança a fenecer.

E eu bem sei que minh'alma se esvaece,
No peito, quasi gasto pela dor,
E choro triste a vida que se murcha
Como d'haste cortada murcha a flor.

E' penoso deixar tam cedo a vida!
Sem um goso fruir dos que ella tem !
Não conhecendo mais que os doces risos
D'um amigo sincero e minha mãe !

Eu bem sei que minh'alma se esvaece
Qual lampada a que o oleo se extinguiu

Não me digam, que não! que a lousa fria
Para mim d'uma campa já se abriu!

Não me digam que não! bem sinto a morte
—Ave negra—adejando em torno a mim!
Já sinto os olhos meus embaciados...
Todas murchas as rosas do jardim!

Ai! amigo! bem sabes quantas crenças
Minh'alma tinha em Deus e no porvir!
Aquellas vão commigo ... estas morreram
Na campa se vão todas confundir!

Se crês que sempre fui sincero amigo
Como agora que á campa vou baixar
Não t'esqueças, depois de minha morte
Diras a minha mãe que a soube amar!

Dirás que n'este instante derradeiro,
No fio extremo d'um extremo adeus,
Só me occupam a mente tres ideias
—Ella somente, tu, amigo, e Deus!

Depois se por accaso um dia entrares,
Onde meu corpo repousar ... então...
Desfolha ahi uma saudade, amigo,
Solta por mim ao ceo uma oração!

Dezembro, de 1865.

XXXV

CANTA.

Canta virgem, solta o genio
Nas azas da inspiração!
Tem a vida tantas flores!
Tanta flor o coração!
Tantas esp'ranças um'alma,
Quando a anima uma paixão!

Canta, virgem fére as cordas
D'essa lyra divinal,
Não occultes e teu genio,
Como lá entre o rosal.
A branca rosa se occulta,
Quando teme o vendaval!

Canta, canta, Deus fadou-te
Para amar, para sentir,
Deu-te as flor es da poesia,
Que deves deixar florir;
Rogo-te eu, não emmudeças
Que um teu canto quero ouvir.

Canta, virgem, solta o genio
Nas azas da inspiração!
Tem a vida tantas flores!
Tanta flor o coração!
Canta, canta o que t'inspire
O sentir d'uma paixão!

1866.

XXXVI

A ROSA

(Conto)

Despontava fresca rosa
Toda belleza e primor,
Do jardim á mais formosa
Era ella a flor.

Cresceu a rosa cercada
Pelos bafejos d'amor;
Das outras era envejada
A linda flor.

A brisa deu-lhe os seus beijos,
Deu-lhe o orvalho o seu frescôr;
Deu a lua os seus lampejos
A' terna flôr.

Durou-lhe a ventura um dia!..
Veio um sol abrasadôr!
Sôpra forte a ventania!
Cae murcha a flor.

E perdeu-sê da memoria
Da rosa todo o primor!
Da bellesa eis a história
Na pobre flor!

Braga, Dezembro, 65.

XXXVII

SCENA INTIMA

Passava um dia, e vi junto da estrada,
Rôtas as vestes, triste, desgrenhada
 A virgem a chorar!
Tinha no rosto a dôr em fundo traço;
E, como pomba, estava espaço a espaço
 Triste a soluçar!..

Approximei-me d'ella, com receio
D'ir augmentar á pobre o seu anceio,
 O tormento seu!
Perguntei-lhe: Que tem?—e commoveu-me!
Pois, n'um gemido triste respondeu-me:
 —Minha mãe... morreu!

Chorei tambem: pois comprehendêra as dôres
D'aquella alma a soffrer, da qual as flôres
 Eram prantos só!..
Chorei!.. porque as lembranças me avivára,
De minha qu'rida mãe... minha mãe cára.
 Que era ha muito em pó!

Fiz por allivios dar-lhe . . . eu que chorava ! . .
Lancei-lhe no regaço o que levava,
E ella orou então !
Parti ; mas poude ver, ainda em distancia,
D'aquella alma a serenar-se a dôr, a ancia
Já finda a oração !

Braga, Dezembro, de 1865.

XXXIX

N'UM ALBUM.

Se o barqueiro com cautella,
Não sabe o barco guiar ;
Contra os escolhos da praia
Pode o barco soçobrar !
Póde até cahir, sumir-se,
Por entre as vagas do mar !

Póde assim a vida nossa
Nos immensos turbilhões,
D'este oceano de paixões,
Vir tambem a succumbir ;
Se nós, pilotos incautos,
Não tivermos fôrça immensa,
Para que, á sombra da crença,
Nos não possa a fé cahir !

Tomemos a Deus por bussola,
Por leme a austera virtude ;
Que, embora o vento se mude,
Cavando abysmos no mar,
Andaremos resguardados
Dessas vagas revoltosas :
E mar de leite e de rosas
Teremos sò de sulcar !

1865.

XXXX

EU AMO O BAILE.

Recitativo)

Eu amo o baile, porque o baile é vida,
Cheia d'encantos, que não curva á dôr!
Eu amo o baile... no walsar perdida,
Minh'alma sinto pullular d'amor!

Eu amo o baile, porque o baile é goso,
E' flor mimosa de perfumes mil!
Eu amo o baile, porque é ceo formoso
De luz, d'estrellas em risonho abril!

Eu amo o baile, porque o baile é taça,
Que dos prazeres o licor contem!
Eu amo o baile, porque o baile é graça
Que doura chammas, que minh'alma tem!

Eu amo o baile, porque o baile é flores,
E' crença, é vida, delirar, prazer!...
Eu amo o baile, porque é luz d'amores!...
Um baile ao menos, é depois... morrer!

1866.

XXXXI

FLORES DO CAMPO.

I.

Que frescas noites de maio !
Que lindas noutes formosas !
Tudo são lyrios e rosas,
A' luz meiga do luar !
Vaga a mente n'um desmaio,
Que ennebriam mil perfumes,
Ao fulgor dos vivos lumes
N'amplidão a scintilar !

A aldeia, jardim florido,
Mansão de paz e ventura,
Entre montes de verdura,
N'um valle ameno situado,
Simelha o ninho perdido
Da pombinha côr de neve,
Que a brisa beija de leve,
Como rosa nacarada !

Entre casinhas singellas,
Se occulta a ermida formosa,
Pudibunda, branca rosa,
Escondida entre o rosal;
A torre fita as estrellas,
Sem que a domine o receio
De que passe negro e feio
Furioso o vendaval!

A aldeia! vergel d'encantos!
Preciosa uma d'olôres,
Carinhosa mãe d'amores,
Que a virgem do ceo bemdiz!
Flôr banhada pelos prantos
D'aurora de cada dia,
Puro risó d'alegria
D'um innocente feliz!

Oh! n'aldeia à vida é bella,
E' sonho que a mente affaga,
E' prazer, que o peito alaga,
E' raio da luz do ceo;
E' canto d'ave singella,
E' flôr d'alma, crença, esp'rança,
Na tempestade é bonança
E' bonança no escarceu!

N'aldeia tudo são flôres
Banhadas na limpha pura
Da corrente, que murmura,
Vagas notas d'harmonia!
Tudo um hymno, mil louvores
Ao filho da virgem — Deus,
Dirigidos para os ceos
Em torrentes de poesia!

Alli cresce a flôr d'esperança,
Sem que a queime o sol do estio
Que as perolas do rocio,
Não cessam de a orvalhar!
N'aldeia a vida não cança,
Não tem prantos, nem tristeza
N'aldeia vive a pureza,
N'aldeia a vida é gosar!

Que frescas noutes de maio!
Que lindas noutes formosas!
N'aldeia crescem as rosas
A' luz meiga do luar!
Vaga a mente n'um desmaio,
Que ennebriam mil perfumes
Ao fulgor dos vivos lumes
N'amplidão a scintillar!

II

As flôres do campo são ternas mimosas,
Suaves aromas! singello matiz!
Lá crescem, lá vivem, lá morrem formosas,
No goso d'amores, que vida feliz!

Nas flôres do campo, quem sonha um tormento?
Quem busca um martyrio, do prado, nas flôres?
Se ha nuvem, que surga não dura um momento,
Não findam seus gosos, nem crescem as dôres.

Se as flores do campo, formosas, singellas
A mão delicada, no prado colheu!
A virgem da terra as converte em capella
Vae logo offertal-as á Virgem do ceo!

Às flôres do campo, teem risos d'aurora
O brilho d'estrellas, do sol o calor;
Teem beijos da brisa, que louca as namora,
No canto das aves um hymno d'amor!

Tem espelho nas aguas da branda corrente,
Que em fios deslisa de fino crystal,
Affagos da joven que vae docemente,
Colhel-as. . . offerta d'amor ao zagal!

As flôres do campo, são ternas, mimosas,
Suaves aromas! Singello matiz!
Lá crescem, lá vivem, lá morrem formosas,
A vida das flôres do campo é feliz!

III

E amo as flôres do campo,
O seu perfume e matiz.
Se aqui se colhe uma rosa
Surge além a flôr de lis. . . .
Eu amo as flôres do campo,
O seu perfume e matiz.

Um ramo de lindas flôres,
Das que o campo tem, produz,
E' espelho de mil bellezas,
Deslumbra a vista, seduz. . .
Um ramo de lindas flôres
Das que o campo, tem, produz.

O aroma das flôr's do campo,
Que ennebria toda a terra,
E' essencia que doura a vida,

E' prazer, que a vida encerra....
O aroma das flôr's do campo
Que ennebria toda a terra.

Eu amo as flôres do campo
Porque são ternas, singellas,
São os brilhantes da terra,
Como do ceo as estrellas...
Eu amo as flôres do campo
Porque são lindas, singellas.

1866.

XXXXII

PRANTO.

I

Se poderas nestas lagrymas
Traduzir o meu amor;
Não olvidáras distante,
Solitaria, a pobre flor!
Penso em ti; só por ti scismo,
Mergulhado n'este abysmo,
Nestas lagrymas de dôr!

Quando vou sentar-me á noute,
Sempre triste, ao meu piano;
N'uma illusão, n'um engano
Procuro ver-te a meu lado,
Mas sinto-me só! . . . Saudades . . .
Saudades por toda a parte . . .
E n'esta ancia de buscar-te,
Vêrto pranto amargurado!

II

De dia banham-me as faces
As lagrymas da saudade !
De noute, nesta anciedade,
Em sonhos . . . sempre a chorar !
Oh ! n'ausencia não t'esqueças,
Da rosa de sorte varia,
D'esta flor, que solitaria
Veceja apenas n'uma área,
Que o pranto vem orvalhar !

Amo-te, quero-te, adoro-te ;
Embora ausente, qu'importa ?
Jamais poderá ser morta
Extincta a luz d'este amor !
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Como os anjos ao Senhor !
Como á fonte do deserto,
Sequioso o viajor !

III

Estas lagrymas, que orvalham,
Minhas faces descoradas,
São saudades arreigadas,
Por ti ausente de mim !
Estas lagrymas são flores,
De que minh'alma é jardim ! . .
Amo-te, quero-te, adoro-te :
Este affecto não tem fim !

Dá-me a trôco d'este pranto
Cada dia um pensamento,

Quando á noute um só momento
Fitares o ceo azul!
Ou quando, como em segredo,
Sentada sobre um rochedo,
Onde o sol bate e desmaia,
Oscular de manso a vaga,
Que s'estende pela praia,
Ligeira brisa do sul!

IV

São saudades estas lagrymas,
Este pranto é só d'amôr!
E' tão longa a nossa ausencia,
E não tenho uma só flor!
Eu soffro, porque te adoro;
E nas lagrymas, que choro
Tens de minh'alma um penhor!

Braga, 1866.

XXXXIII

AMOR...

(Recitação)

Se o vento norte nos desfez a crença,
E longa, immensa, despontou a dôr;
A alma ressurge do fatal desmaio,
C'o a luz d'um raio d'infinito amor!

Baixel perdido nas desertas plagas,
Por sobre as vagas d'um cruel furôr,
Implora o homem um pharol d'esperança;
Salvar-se alcança se lh'accode o amor!

Se d'alma em gôso despontou serena,
Depois sem pena se murchou a flor!
Tornar-se bella, mais mimosa póde
Se o orvalho accode, que lhe vérte o amor!

Entre os espinhos do correr da vida,
A' luz perdida de mortal pallor,
Nas trevas densas, que são noutes d'alma,
A luz da calma se achará no amor!

Em doce riso se converte o pranto,
Balsamo santo se achará na dôr,
Se um seio d'anjo, com alvor da neve,
Vier de lève palpitar d'amor !

A vida é bella, perfumada rosa,
Manhã formosa de brilhante alvor,
Se um rosto d'anjo, em palpitante seio,
Em doce enleio nos disser : Amor !

Novembro, 1866.

XXXXIV

DOR.

A minha irmã

Eugenia A. A. Campos

Canta de tarde
A' luz do sol,
Quando o sol arde,
O rouxinol.
E a avesinha
Ao ver a mãe,
Quando se aninha
Canta tambem.

Tem meigos lumes
Um ceo d'anil ;
Lança perfumes
A flor d'abril ;
E a mariposa
De flôr em flôr,
Doudeja e gosa
Risos d'amor.

Lá tem o monte,
Que o sol dourou;
Cyrstaes de fonte,
Que lá brotou ;

E tem a praia,
Na onda, que vem,
—Flor, que desmaia—
Beijos tambem.

Tem a collina,
Que o sul beijou
Fresca bonina,
Que o ceo regou ;
E tem o prado
Flores de liz,
Campo bordado
D'ouro e matiz.

Todos tem flores,
Todos tem luz ;
E eu vivo em dores,
Tenho uma cruz !
Todos carinhos
Na vida tem ;
E eu tenho espinhos,
Maguas tambem !

Todos teem cantos
—Voz de prazer—
E eu tenho prantos
—Voz de soffrer !
Todos tem n'alma
Crenças d'amor ;
Só eu sem calma
Vivo na dor !

Ave sem ninho,
Eu busco em vão ! . .

Um sò casinho
Não tenho, não !
Alma, que choras,
Olha. . . nos ceos,
Ha mil auroras,
Que mostram Deus !

Dezembro, 1866.

XXXXV

MORREU ! . .

Só n'ella a minha esp'rança se firmava,
Só por ella, na vida um E'den cria;
De meus labios um sorriso desprendia,
Se um sorriso d'amor ella me dava !

E chôrava tambem se ella chorava,
Tinha parte na dôr, que ella sentia ;
Pois minh'alma na d'ella se fundia,
Como a d'ella co'a minha se casava !

Por carinhos d'amor, carinhos tinha ;
Pelos meus seus affagos recebi,
Qual da brisa nos campos a florinha,

Mas morreu ! . . O' meu Deus! como vivi ? !,,
Como pude da morte a virgem minha
Arrebatada vêr, e não morri ?'! . , .

186. . .

XXXXVI

ULTIMA PAGINA.

Foram-se as crenças de minh'alma todas !
Uma sò me ficou ; é a luz dos ceos !
—Candida flôr, que vendavaes não vergam,
Luz a que nada extingue ; é a crença em Deus!

Da vossa cruz, Senhor, á meiga sombra
Eu a deponho, para alli florir !
—Salva das ondas deste mar da vida,
Murchar nãopóde alli, nem succumbir !

Braga, 1866.

INDICE